Festival de Almada

Toda a história política e familiar que há num indivíduo

País Clandestino, co-criação de três latino-americanos e duas europeias, reflecte sobre a História que cada um carrega nas duas vidas. *Por Gonçalo Frota*

Lugar de fala é um conceito que se popularizou na América Latina e que defende a explicitação do *background* de cada um quando faz uso da palavra em relação a temáticas mais sensíveis. Não é apenas uma forma de legitimação de quem se manifesta em relação ao racismo, ao sexismo, à homofobia, à transfobia ou aos preconceitos de classe e religiosos, enquanto vítima de um sistema de poder, mas também, como diz o encenador brasileiro Pedro Granato, "contextualiza de onde se fala, quem se é, em que lugar de privilégio se encontra, qual a posição de cada um na História para falar da História". E esse é um conceito que Granato, Jorge Eiro, Maëlle Poésy, Florencia Lindner e Lucía Miranda adoptam em *País Clandestino*, criação que os cinco apresentaram em 2017 em Santiago do Chile e, passado, um ano no Festival Internacional de Buenos Aires – de onde partiu a encomenda original. Agora, a 15 e 17 de Julho, é a vez de se mostrarem no Fórum Romeu Correia, em Almada.

A primeira semente para a criação de *País Clandestino* seria plantada em Nova Iorque, solo estranho para

País Clandestino

De e com Florencia Lindner, Jorge Eiro, Lucia Miranda, Maëlle Poésy e Pedro Granato
Fórum Romeu Correia, Almada 15 e 17 de Julho, 21h30

os cinco encenadores, provenientes de Brasil, Argentina, França, Espanha e Uruguai. E esse seria um enquadramento determinante para a peça que viriam a desenvolver mais tarde. Em 2014, no Director's Lab do Lincoln Center, os cinco eram "a única fonte de informação sobre o que se passava a nível teatral e político" nos seus países. "Creio que essa experiência única se tornou muito intensa como forma de reflectirmos sobre o outro e sobre nós mesmos", reconhece Pedro Granato. Enquanto estrangeiros e representantes das suas culturas locais, acabariam por reflectir sobre o quanto carregavam "os países no corpo e nas palavras. E também como podíamos descrever, descodificar e explicar os nossos países a alguém que não os conhece."

País Clandestino começa por equívocos. Um dos criadores confessa que, em criança, achava que França era "uma grande padaria", outra pensava que o Brasil era um país "super divertido e em que as crianças jogam futebol descalças", vários tinham dificuldade em distinguir Argentina, Uruguai e Paraguai, Uruguai era "nome de fruta", Espanha era um lugar onde todas as mulheres dançavam flamenco e em vez de cantarem gritavam. Aos poucos, estes preconceitos vão dando lugar à história de cada um no seu espaço. Desaparecem os lugares-comuns, surgem os percursos individuais num quadro mais alargado da vida política e social do país, do lugar individual numa cadeia de acontecimentos maiores.

"Quisemos reflectir sobre quem somos, de onde vimos, como eram as nossas famílias, os nossos países e as suas histórias políticas, e como isso fez com que cada um se transformasse na pessoa que é", conta Granato. "Algo maior do que nós. Estamos entre o que escolhemos e o que herdámos. A obra fala muito disso – do que fazer com a herança que recebemos e como respondemos ao ponto em que nos legaram a História."

E há marcas visíveis dessa História nas suas pequenas histórias. As ditaduras militares são cicatrizes vivas nos encontros familiares e mesmo décadas depois estes cinco artistas nascidos no início da década de 1980 sentem-se um produto desses acontecimentos que aprenderam em casa e não em manuais escolares. Jorge Alberto (Eiro), por exemplo, deve o seu nome a um tio desaparecido durante a ditadura argentina – quando o Estado lhe propôs, muitos anos depois, uma indemnização pelo desaparecimento, a família recusou por entender que se fechava uma história que continua a ser um golpe à mesa de jantar. Aceitar um pagamento fá-los-ia cúmplices.

Tudo começou, na verdade, com a curiosidade natural pelos percursos dos outros. Os métodos de trabalho e os percursos artísticos dos cinco eram tão dissonantes que só através das afinidades pessoais poderiam construir o espectáculo que, desde o encontro original em Nova Iorque, sentiram que tinham de criar. E começaram por perguntas, por tentar ir além daquilo que julgavam saber dos outros lugares, partindo então dessa visão macro da História para chegar a cada um. "Não me parece que isso fosse uma evidência no princípio do nosso trabalho conjunto", acredita Maëlle Poésy. "Mas à medida que íamos trabalhando descobrimos como trabalhar esse material mais documental e como falarmos dos nossos países podia ser feito através de um veículo mais íntimo."

"Na maneira como falamos e como fazermos teatro, mas também como contamos a história política dos nossos países acabamos por nos revelarmos", acredita Pedro Granato. Em palco, sentados a uma mesa, discutem as consequências políticas das suas criações, as situações específicas de cada país, mas também os conflitos que acabam por vir à tona entre dois blocos óbvios – colonizados e colonizadores. Mas há também zonas cinzentas, quando Lucia, a "espanhola", argumenta que trabalhou mais com as comunidades latino-americanas do que Jorge, "o argentino", que a acusa de se armar em missionária e de prolongar uma terra que alimenta, até hoje, uma família real com os seus impostos.

Depois dessa discussão, *País Clandestino* vai avançando ao sabor da cronologia, cruzando o pessoal e o histórico, desnudando, por vezes, as inevitáveis contradições: em 1844, nasce no Paraguai a tetravó de Jorge Eiro, uma índia guarani, da qual só se conhece o nome cristão; em 1878, o seu tetravô era o general Iriarte, co-responsável pela Campanha do Deserto que exterminou milhares de índios. À medida que os anos avançam, a História passa a ser mais viva, os parentescos aproximam-se, os relatos ganham uma outra densidade, as guerras passam a ser vividas nas ruas, sob as mais diversas formas de revolta popular. "A nossa obra", defende Eiro, "é uma exposição de fé, pessoal, familiar, biográfica, geográfica muito forte para nós. O material é muito cru e muito instável. Falo disto com muita entrega mas também com muito temor."

E *País Clandestino* continua a avançar até chegar aos relatos de manifestações e de posições políticas dos cinco na actualidade. Pedro Granato rememora a sua participação numa manifestação contra a polícia militar no Brasil, Florencia Lindner – que teve uma tia raptada para castigar o anarquismo familiar – lembra o ajuntamento anual na Avenida 18 de Julho, em Montevideu, de milhares que se reúnem em silêncio para marchar e sofrer pelos desaparecidos durante a ditadura militar (1973-1985), e pela tentativa de aprovar uma lei que reconheça os crimes desse período e permita que sejam levados a julgamento. Por esta altura, cada um assume já o seu lugar de fala. Tudo o que dizem e fazem em palco resulta de tudo quanto contaram antes. Tão simples e tão complexo quanto isto.